

AS REGRAS DO MINI-HANDEBOL NOS JOGOS ESTUDANTIS DE PONTA GROSSA E DE CARAMBÉI: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MODELO DE NEWELL

Erick Cleison de Araujo
Itamar Adriano Tagliari
Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

Os jogos estudantis podem ser uma grande ferramenta para o ensino dos esportes na escola. Para isso, devem se adequar às necessidades dos seus praticantes, do ambiente e da tarefa, bem como levar em conta as suas interconexões. O objetivo do presente estudo foi analisar as regras do mini-handebol dos Jogos Estudantis Municipais (JEM) de Ponta Grossa/PR, Brasil, e dos Jogos Estudantis de Carambéi (JECAR), PR, Brasil, para crianças de 8 a 10 anos de idade, tendo por referência o Modelo de Newell. O estudo foi do tipo descritivo documental. Foram analisados os seguintes documentos: 1) Regulamento do Mini-Handebol do JEM; 2) Regulamento do Mini-Handebol do JECAR. Categorias de análise: tamanho da trave; dimensão da quadra; número de jogadores. As categorias foram analisadas a partir das características do indivíduo, do ambiente, da tarefa e suas interconexões, propostas por Newell. Constatou-se que as regras foram adaptadas nos três tópicos de análise: diminuição da quantidade de jogadores em quadra, diminuição do tamanho da trave e diminuição da quadra de jogo, tanto no JEM quanto no JECAR. Concluiu-se que as adequações feitas estão em conformidade com o recomendado pela literatura, evidenciando aos alunos uma vivência e prática mais rica e benéfica, estimulando um maior desenvolvimento de vários fatores para a vida do educando, com ênfase no desenvolvimento motor. Assim, constata-se e recomenda-se que se torna importante que as regras sejam adaptadas às características da criança e não que a criança tenha que se adaptar às características das regras do adulto.

Palavras-chave: Mini-hand. Crescimento físico. Desenvolvimento motor.

THE RULES OF MINI-HANDBALL IN STUDENT GAMES OF PONTA GROSSA AND CARAMBÉI: AN ANALYSIS BASED ON NEWELL'S MODEL

ABSTRACT

The student games can be a great tool for teaching sports at school. To ensure this tool is successful, it is important to consider the needs of the people who practice sports, the environment, and the task, as well as all the interconnections. The aim of this paper is to analyze the rules of mini-handball in the Municipal Student Games ("JEM") of Ponta Grossa/PR, Brazil, and the Student Games of Carambéi ("JECAR"), PR, Brazil, for children from 8 to 10, according to Newell's Model of Constraints. The study is based on descriptive documentary research. We reviewed the following documents: 1) Mini-Handball Rule Book of JEM; 2) Mini-Handball Rule Book of JECAR. The categories of analysis were size of the goalpost, size of the court, and number of players. The categories were analyzed according to the characteristics of the individuals, the environment, and the task, as proposed by Newell. We observed that the rules were adapted to the three topics of analysis, namely reducing the number of players in the court, reducing the size of the goalpost, and reducing the court, both in JEM and in JECAR. We concluded that the adjustments made comply with the recommendations in the literature. Furthermore, such adjustments provide students with a richer and more beneficial experience and practice and stimulate further development in several other factors of the students' lives, among them motor development. Therefore, the recommendation is to adjust the rules to the characteristics of the children rather than force the children to adapt to the characteristics of adult rules.

Keywords: Mini-hand. Physical growth. Motor development.

INTRODUÇÃO

Na escola encontramos uma das maiores manifestações das práticas esportivas, mas a competição nesse âmbito sempre gerou grandes discussões, havendo os que são favoráveis a ela e aqueles que não lhe são favoráveis. Contudo, visando atender ao polo positivo da competição escolar, torna-se necessário que ela supere o paradigma reducionista, em que prevalece a ideia de ganhar a qualquer custo, o individualismo e a busca excessiva por resultados. Faz-se necessário ir além do modelo esportivo do adulto, visando as necessidades da criança (REVERDITO *et al.*, 2008).

Nas cidades paranaenses de Ponta Grossa e de Carambeí são realizados os Jogos Estudantis, promovidos pelas respectivas prefeituras, através da Secretaria de Esportes, em Carambeí (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017) e da Fundação de Esportes, em Ponta Grossa (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018).

Essas competições são regidas e embasadas por um regulamento próprio, onde constam todas as informações necessárias para a participação e organização dos jogos em geral, seja com relação à sua estrutura, ao local e às regras das modalidades. Os objetivos dos eventos são descritos já no início dos documentos e são idênticos em ambos: “[...] contribuir decisivamente com as atividades desportivas estudantis do Município, descobrindo e incentivando novos talentos esportivos, proporcionando o aprimoramento das forças físicas, psíquicas, morais e sociais do educando.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017; FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018, p.4).

Observa-se nos objetivos dos jogos a preocupação em estimular o desenvolvimento dos alunos, que é uma das características do Modelo de Newell (NEWELL, 1986). Esse autor apresenta seu modelo com três fatores denominados: restrições, divididas em restrições do indivíduo, do ambiente e da tarefa; e suas interconexões. Ressalta-se que a restrição é uma característica do indivíduo, do ambiente ou da tarefa que encoraja alguns movimentos, enquanto desencoraja outros.

Conforme o Modelo de Newell, as restrições do indivíduo são estruturais ou funcionais, são características físicas e mentais que distinguem as pessoas, tornando-as únicas. As restrições estruturais estão relacionadas à estrutura corporal e as restrições funcionais estão relacionadas ao comportamento. As restrições do ambiente referem-se ao mundo que nos cerca, características **físicas**, por exemplo, envolvem a superfície do ambiente, **já as** socioculturais abrangem a oportunidade e o encorajamento para a prática. As restrições da tarefa referem-se à estrutura, ao objetivo e à complexidade da tarefa, suas regras e estratégias (NEWELL; JORDAN, 2007).

Estudos tratando das características do indivíduo apontam o comportamento motor e o crescimento físico. O desenvolvimento motor é conceituado como a contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, por meio da interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). A interação do indivíduo, da tarefa e do ambiente modifica o movimento, levando ao desenvolvimento motor. (NEWELL, 1986). Gallahue e Donnely (2008) apontam sobre a importância da variabilidade de movimento durante o desenvolvimento motor, destacam: a) a quantidade: i) força: forte, leve, moderado; ii) tempo: rápido, lento, médio, estável, súbito; b) o espaço: i) níveis: alto, médio, baixo; ii) direções: para frente/trás, diagonal, para cima/baixo, curva, reta, zigue-zague; e c) os relacionamentos: i) objetos; ii) pessoas. O crescimento físico é considerado como um aumento no tamanho do corpo como um todo ou de suas partes. É a atividade biológica das duas primeiras décadas de vida humana, incluindo, os nove meses da vida pré-natal (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009).

Em se tratando das características da tarefa, têm-se as regras do JEM e do JECAR, apresentadas em seus regulamentos. No caso do handebol, é de extrema importância observar também as regras que o regem em âmbito nacional, conforme estabelecidas pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) para a categoria adulta (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2016) e do Mini-Hand, para a categoria de base dessa modalidade (CALVO; LÓPEZ, 2005).

Estudos sobre regras no esporte foram realizados. Taveira *et al.*, (2013) analisaram a alteração da regra de utilização do goleiro-linha ocorrida em janeiro de 2011: implicações técnico-táticas na modalidade futsal. Os autores concluíram que:

“[...] ocorreram poucas mudanças de ordem tática, contrariando a expectativa de que a alteração no regulamento do jogo, neste caso específico, resultaria na alteração das relações de cooperação e oposição estabelecidas entre os atletas. Sobre a frequência de utilização do goleiro-linha, pode-se dizer que os tempos de utilização deste recurso mantiveram-se inalterados. As alterações mais significativas ocorreram quanto às fases do jogo em que foi utilizado o recurso do mesmo. Verificou-se uma diminuição nas situações

de igualdade no placar e um incremento nas situações de inferioridade no placar. O recurso que já era muito utilizado antes da mudança na regra, passou a ter uma maior importância como opção tática de recuperação de resultados após a mudança. Quanto à utilização do goleiro-linha (G.L.) ou linha goleiro (L.G.), apesar de não ter sido indicado diferença significativa entre antes e depois da mudança na regra, verificou-se uma enorme dependência dos jogadores de linha (L.G.) para utilização do recurso do goleiro-linha.” (TAVEIRA *et al.*, 2013, p.39).

Outro estudo tratou sobre as regras no *beach tennis*, visando compreender a prática da modalidade a partir da perspectiva de atletas que também atuam como professores da modalidade (GUIDUCCI; DANAILOF; ARONI, 2019). Os autores verificaram que:

“[...] a modalidade encontra-se em plena expansão em todo o mundo, especialmente no Brasil; a última mudança na regra dos três metros beneficiou a troca de bolas e atratividade do jogo, especialmente na categoria masculina; a metodologia adotada nas aulas e treinos estão baseadas nas suas experiências empíricas, principalmente nas viagens à Itália, que também se apresenta como local de grande referência da modalidade; os materiais impressos como livros, guias e artigos são escassos na área. Como considerações finais, existe a necessidade de mais estudos sobre a modalidade, especialmente os experimentais e relatos de caso.” (GUIDUCCI; DANAILOF; ARONI, 2019, p.25).

Discussões envolvendo as regras dos jogos com o conhecimento científico podem contribuir de forma mais efetiva, ajudando a cumprir com os objetivos dos jogos e ampliando esses debates em favor do desenvolvimento da modalidade esportiva e dos escolares comprometidos com a prática esportiva. Tais informações podem auxiliar nos momentos em que são discutidas as regras a serem aplicadas nas competições.

Em estudo tratando das características do ambiente, Tagliari (2019) analisou a presença do público infantil, em locais de competição esportiva, nas Olimpíadas de 2016, visando o desenvolvimento do esporte, sob o enfoque teórico de um modelo sistêmico. Por exemplo, a escola poderia preparar um roteiro para a criança observar a competição, conforme a fase de desenvolvimento que ela se encontra, deixando claro sua importância e, posteriormente, a sua apresentação aos demais colegas. Assim, nesse momento, a criança deixaria de ser mera espectadora para se tornar produtora do desenvolvimento esportivo. A criança poderá apresentar de forma teórica e principalmente prática a nova modalidade, conforme a sua percepção absorvida no local de competição, considerando a sua fase de desenvolvimento. Verificou-se pouco público infantil nos locais observados em relação ao adulto.

“A participação de crianças, como agentes de difusão de diferentes modalidades que não são tradicionais no Brasil, no ambiente escolar e extraescolar, poderia instigar a participação de crianças nessas modalidades. Poderiam ser desenvolvidas em escolinhas esportivas, nas aulas de Educação Física, de forma multidisciplinar e interdisciplinar com outras disciplinas curriculares, envolvendo a pedagoga da escola, em programas-projetos de esporte, em um contexto maior envolvendo os familiares dos alunos, assim como os órgãos públicos e os privados, ampliando a cultura do esporte no nosso país, por meio de oportunidades e estilos de vida favoráveis ao desenvolvimento de diferentes modalidades olímpicas no Brasil.” (TAGLIARI, 2019, p.71).

O Modelo de Newell aponta para as características do ambiente, do indivíduo e da tarefa, e suas interconexões (NEWELL, 1986). Considerando a importância das características do indivíduo, como o crescimento físico e o comportamento motor; as características do ambiente, como a oportunidade e a estimulação para a prática; e as características da tarefa, como as regras do mini-handebol, o presente estudo tem como objetivo analisar as regras do mini-handebol dos Jogos Estudantis Municipais (JEM) de Ponta Grossa e dos Jogos Estudantis de Carambeí (JECAR), para crianças de 8 a 10 anos de idade, com base no Modelo de Newell.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa classifica-se como descritiva documental. Tem cunho descritivo, pois buscou descobrir, analisar e comparar associações entre variáveis e também por fazer uso de técnicas padronizadas para a coleta de dados. Com base nos procedimentos técnicos utilizados, este estudo tem caráter documental,

pois buscou seus dados em documentos que não tiveram um tratamento analítico, chamados de documentos de “primeira ou segunda mão” (GIL, 2002).

No presente estudo foram analisados os seguintes documentos oficiais: 1) Regulamento dos Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa/PR, Brasil, mais especificamente o Regulamento do Mini-Handebol, onde constam as Regras do Mini-Handebol (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018); 2) Regulamento dos Jogos Estudantis de Carambeí/PR, Brasil, mais especificamente o Regulamento do Mini-Handebol, onde constam as Regras do Mini-Handebol (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017).

As categorias de análise foram: tamanho da trave; dimensão da quadra; número de jogadores. As categorias foram analisadas a partir das características do indivíduo (comportamento motor e crescimento físico), do ambiente (oportunidade e estimulação) e da tarefa (complexidade e regras) e suas interconexões. As características do indivíduo, do ambiente e da tarefa, bem como suas interconexões, são propostas pelo Modelo de Newell (NEWELL; JORDAN, 2007; NEWELL, 1986).

RESULTADOS

No Quadro 1 são apresentadas as regras da modalidade mini-handebol, dos Jogos Estudantis das cidades de Ponta Grossa (JEM) e Carambeí (JECAR). São consideradas a faixa etária das crianças e as categorias de análise deste estudo: o tamanho da trave, a dimensão da quadra e o número de jogadores.

Quadro 1 - Regras: faixa etária; número de jogadores; quadra de jogo; trave. Jogos Escolares de Ponta Grossa e de Carambeí. Modalidade mini-handebol.

Tópicos	JEM 2018	JECAR 2017
1. Faixa etária dos atletas	Disputada pelo grupo 2, masculino e feminino. Divisão dos grupos: GRUPO 2 - alunos nascidos em 2008 e 2009 e posteriores; (Sub-10 anos de idade).	Disputada pelo grupo 2, masculino e feminino. Divisão dos grupos: GRUPO 2 - alunos nascidos em 2007,2008 e posteriores; (Sub-10 anos de idade).
2. Equipes	Equipe composta por 10 jogadores, sendo 5 titulares e 5 reservas.	Equipe composta por 10 jogadores, sendo 5 titulares e 5 reservas.
3. Quadra de jogo	Quadra de forma retangular com um máximo de 40 m e um mínimo de 20 m de comprimento, por uma largura máxima de 20 m e mínima de 10 m.	Quadra de forma retangular, com 20m de comprimento por 15 m de largura.
4. Tamanho da trave	A trave mede 1,60 m x 2,40 m.	A trave mede 1,60 m x 2,40 m.

Fonte: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018; SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017.

Nota: Quadro elaborado pelos autores.

No Quadro 1, verifica-se que a variável tamanho da trave, nas regras do JEM (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018) e do JECAR (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017), tem as mesmas dimensões: 2,40 m de largura e 1,60 m de altura. Outra variável é o número de jogadores, que é o mesmo nas regras do JEM (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018) e do JECAR (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017), em que se estabelecem cinco jogadores titulares, sendo um desses o goleiro.

Em se tratando do tamanho da quadra, no JEM (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018) as dimensões são as seguintes: máximo de 40 m e um mínimo de 20 m de comprimento, por uma largura máxima de 20 m e mínima de 10 m; dimensões que diferem das do JECAR (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017), que são 20 m de comprimento por 15 m de largura.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Quadro 1 nos permite verificar a variável tamanho da trave. Nas regras do JEM e do JECAR a trave de jogo apresenta 2,40 m de largura e 1,60 m de altura. Esse é o mesmo tamanho de trave proposto no documento contendo as regras da modalidade mini-hand (CALVO; LÓPEZ, 2005), disponibilizado pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Contudo, é diferente da trave utilizada pela categoria adulta no handebol, que mede 3 m de largura por 2 m de altura, conforme as regras da CBHb (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2016). Verifica-se que as entidades promotoras dos Jogos Estudantis, JEM e JECAR, mostraram uma preocupação em adaptar as regras da modalidade handebol, em relação ao tamanho da trave, “transformando” o mesmo em mini-handebol.

Tal adaptação vai ao encontro das alterações de crescimento pelas quais o ser humano passa durante a sua vida, pois conforme Kuczmarski *et al.*, (2002) a estatura de um adulto masculino no percentil 50 é de 1,77 m, ao passo que para o sexo feminino é 1,64 m. Já uma criança aos 10 anos no percentil 50 tem 1,39 m de estatura para o sexo masculino e 1,38 m para o feminino.

Com isso, em uma análise prospectiva, as implicações práticas, no que diz respeito ao tamanho da trave, a sua diminuição tanto em altura quanto em largura, poderiam afetar a restrição do indivíduo em relação à tarefa em vários fatores. Para o goleiro, com estatura no percentil 50, aos 10 anos de idade, por exemplo, uma trave da categoria adulta poderia desestimular o comportamento motor, uma vez que ele não conseguiria alcançar as bolas altas, já que suas medidas e capacidades são incompatíveis com a altura da trave adulta. Considerando a situação do goleiro acima citado, para o jogador de linha, por exemplo, poderia estimular apenas o arremesso alto, próximo ao travessão e somente em uma direção, podendo assim desestimular o arremesso em diferentes direções, alturas, formas, forças e velocidades, empobrecendo o desenvolvimento motor. Nesse sentido, diminuiria a variabilidade do movimento, tanto para o goleiro quanto para o jogador de linha. Segundo Gallahue e Donnely (2008) a variabilidade é de extrema importância para o desenvolvimento motor, variando-se a quantidade (força; tempo), o espaço (níveis; direções) e os relacionamentos (pessoas; objetos).

Por outro lado, com a diminuição da trave, conforme o Quadro 1, amplia-se a variabilidade de movimento, contribuindo para a variação do comportamento motor, tanto para o atleta de linha quanto para o goleiro. Dessa forma, em se tratando da variabilidade de movimento destaca-se que a diminuição da trave é de extrema importância para desenvolvimento motor.

Além disso, uma trave da categoria adulta amplia a possibilidade de um estudante mais forte arremessar a bola de uma grande distância e acima do goleiro, favorecendo o arremesso apenas dos atletas com essas características, mas desestimulando os demais atletas a arremessar, diminuindo a oportunidade para a prática e as estratégias em equipe.

Por outro lado, ao adaptar o tamanho da trave, reduzindo seu tamanho, conforme o Quadro 1, diminui-se a possibilidade de arremesso de longa distância, e isso pode influenciar na criação e execução de novas estratégias em equipe, pois para os alunos se aproximarem do gol para finalização teriam que abrir espaço na defesa através de estratégias e ações coletivas, ampliando ainda mais o leque de possibilidades, contribuindo para o desenvolvimento motor e cognitivo.

O Modelo de Newell (NEWELL; JORDAN, 2007) inclui as características do indivíduo, do ambiente e da tarefa, e suas interconexões. As implicações para a prática, expostas acima, indicam que a alteração na característica da tarefa, mais especificamente no tamanho da trave, atendeu a característica do indivíduo em seu crescimento em estatura. Ademais, evidenciou maior possibilidade de diferentes comportamentos motores e cognitivos, favorecendo o desenvolvimento de outras características do indivíduo, que são o desenvolvimento motor e o cognitivo, por meio da oportunidade para a prática, que é uma das características do ambiente. Frente ao exposto, verifica-se a interconexão entre as características do indivíduo, do ambiente e da tarefa. Segundo Newell (1986) a interação do indivíduo, da tarefa e do ambiente modifica o movimento, levando ao desenvolvimento motor.

Em se tratando do tamanho da quadra, conforme o Quadro 1, nas regras do JEM (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018) as dimensões são as seguintes: máximo de 40 m e mínimo de 20 m de comprimento, por uma largura máxima de 20 m e mínima de 10 m. Diferentemente, no JECAR (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017) as dimensões são 20 m de comprimento por 15 m de largura. Verifica-se que o tamanho mínimo proposto pelo JEM e o proposto pelo JECAR, embora não sejam os mesmos, acompanham a tendência de diminuir a quadra, assim como a CBHb propõe para as categorias de base do handebol, conforme o documento contendo as regras da modalidade mini-hand disponibilizada pela CBHb, que é de 20 m de comprimento por 13 m de largura (CALVO; LÓPEZ, 2005). Ao comparar com o tamanho da quadra proposto para a categoria adulta, 40 m de comprimento e 20 m de largura, conforme as regras

da CBHb (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2016), verifica-se que é o mesmo proposto pelo JEM, no que se refere ao tamanho máximo da quadra, diferindo da proposta do JECAR. Verifica-se que ambas as entidades promotoras dos Jogos Estudantis mostram uma preocupação em adaptar as regras da modalidade handebol em relação ao tamanho da quadra, “transformando” a modalidade esportiva em mini-hand, quando utilizados seus tamanhos mínimos.

Com relação ao número de jogadores, verifica-se no Quadro 1 que é o mesmo tanto nas regras do JEM (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES, 2018) quanto nas do JECAR (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, 2017), que estabelecem cinco jogadores titulares, sendo um desses o goleiro. Tanto o JEM quanto o JECAR acompanham o número de jogadores proposto pela CBHb (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2016) no que se refere às categorias de base do handebol, conforme o documento contendo as regras da modalidade mini-hand disponibilizada pela CBHb, que é de cinco jogadores titulares, sendo um desses o goleiro (CALVO; LÓPEZ, 2005). Ao comparar com as regras da categoria adulta, verifica-se que são diferentes, pois nesta são sete jogadores, sendo um goleiro, conforme a CBHb (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2016). Verifica-se que as entidades promotoras dos Jogos Estudantis, JEM e JECAR, mostraram uma preocupação em adaptar as regras da modalidade handebol em relação ao número de jogadores titulares, “transformando” essa modalidade em mini-hand.

Com isso, as implicações práticas, em uma análise prospectiva, no que diz respeito ao tamanho da quadra, com a sua diminuição quase pela metade no mini-handebol, da sua dimensão total (jogo adulto), no mesmo sentido a diminuição do número de jogadores em quadra de sete atletas titulares (jogo adulto) para cinco titulares (mini-hand), torna o jogo mais simples para a prática, contribuindo para o entendimento de crianças iniciantes no esporte, cuja faixa etária compreende de 8 aos 10 anos. Além disso, pode ampliar o contato da criança com a bola, ampliando seu repertório motor.

As categorias de análise dimensão da quadra e número de jogadores, conforme Quadro 1, estão relacionadas com a características da tarefa (complexidade e regras) e do indivíduo (comportamento). Frente ao exposto, verifica-se a interconexão entre as características do indivíduo, do ambiente e da tarefa. Segundo Newell (1986) a interação do indivíduo, da tarefa e do ambiente modifica o movimento, levando ao desenvolvimento motor.

Adaptações de regras como essas influenciam diretamente na restrição da tarefa, conseqüentemente, na restrição do indivíduo e do ambiente. Modificar a regra do jogo a fim de torná-lo mais simples e acessível para as crianças faz com que as adaptações na tarefa influenciem contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo. Em se tratando do comportamento cognitivo, contribui com a diminuição da complexidade da tarefa, pois torna a atividade mais adequada para a criança.

Com relação ao desenvolvimento motor, com uma quadra menor e com menor número de jogadores, ampliam-se as oportunidades para a realização do movimento, bem como para a variabilidade do movimento. Destaca-se que a variabilidade (GALLAHUE; DONNELLY, 2008) é apontada como um fator de suma importância para o desenvolvimento motor, variando-se a quantidade, o espaço e os relacionamentos. A oportunidade para a prática (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013) é fundamental para o desenvolvimento motor. A criança entre 7 e 10 anos está na fase dos movimentos especializados, estágio de transição. Nesse estágio, destacam-se a utilização das habilidades fundamentais, de algum modo, em formas mais específicas e mais complexas, a combinação das habilidades fundamentais e a utilização em jogos, brincadeiras, esportes e atividades diárias. Esse estágio servirá de base para o próximo, que é o de aplicação (11 a 13 anos), em que serão refinadas e utilizadas as habilidades mais complexas em jogos avançados e em esportes selecionados (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

Em se tratando do ambiente, verifica-se quais as alterações nas regras levam a oportunidade de prática da modalidade de forma adequada, levando a sua estimulação, pois atende as características do sujeito envolvido. Além disso, segundo Tagliari (2019), em se tratando das características do ambiente, a participação das crianças em jogos esportivos pode ir além do próprio evento, conforme crianças que participaram como espectadoras nos Jogos Olímpicos, podem levar as informações dos jogos para seus colegas no ambiente escolar, local em que poderiam explicar teórica e praticamente a seus colegas sobre a modalidade observada. De posse dessas informações, o professor ampliaria o acesso das crianças a novas modalidades, contribuindo para o conhecimento da cultura dos Jogos Olímpicos, nas diferentes modalidades, adaptando-as às necessidades da criança.

Desta forma, estariam colaborando para a criação de um macrossistema que é um conjunto de micro, meso e exossistema característicos de uma cultura, sub-cultura ou contexto social maior. Com seus recursos, oportunidades e estilos de vida próprios, favorecendo o desenvolvimento de diferentes modalidades Olímpicas no Brasil. Entendendo as Olimpíadas de forma sistêmica, ela poderia contribuir como um cronossistema para o esporte brasileiro, por meio do maior envolvimento das crianças nos locais

de competição. Embora não tenham sido verificadas situações de oferecimento de tais oportunidades, ficam como indicativos em outras oportunidades esportivas que venham a ocorrer no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional (TAGLIARI, 2019).

O Modelo de Newell pode orientar o profissional da área para identificar fatores no ambiente e na tarefa, de forma que ela possa ser modificada para um maior aproveitamento de uma atividade ou de um jogo, tornando o ambiente mais adequado para o desenvolvimento dos alunos. Newell e Jordan (2007) apontam que o foco no papel das restrições de tarefas para a ação facilitou uma crescente apreciação das influências mais gerais dos aspectos da tarefa na teorização sobre aprendizado e controle motor. Obter *insights* sobre a dinâmica do comportamento do aluno, bem como fornecer pistas para o professor para o desenvolvimento de estratégias instrucionais, levam a análise das tarefas e parecem ser uma perspectiva muito útil para o aprendizado e ensino em atividade física.

CONCLUSÃO

As mudanças de regras nos Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa e nos Jogos Estudantis de Carambeí, no mini-handebol, evidenciam alterações nas restrições da tarefa; nesse caso, a adequação no tamanho da trave e da quadra, além do número de jogadores em quadra, faz com que o jogo seja mais simples e mais acessível às crianças, alterando também as restrições ambientais e individuais. As mudanças nas regras trouxeram várias possibilidades que outrora eram menos evidentes, tornando o jogo mais simples para se jogar e entender, fazendo com que essa atividade se torne ainda mais benéfica para a criança. As alterações influenciam também nas restrições ambientais, oportunizando a instrução para a realização do movimento, visando a ampliação da sua variabilidade, tanto do goleiro quanto de jogadores de linha, estimulando as crianças na realização da atividade de diferentes formas.

A adaptação no tamanho da trave é fundamental em se tratando de respeitar as características de crescimento físico das crianças, bem como auxilia na variabilidade do desenvolvimento motor. Além disso, influencia na estratégia do jogo, fazendo as crianças pensarem na melhor estratégia para conseguirem chegar mais perto da trave para arremessar.

Por meio deste estudo, sugere-se que na fase de iniciação dos 8 aos 10 anos o jogo seja adaptado de forma que se torne mais simples para o entendimento e aplicação junto às crianças. O esporte tradicional, jogado pelos adultos, com suas regras e complexidade, acaba sendo de difícil assimilação pelos pequenos, culminando no descumprimento dos objetivos traçados pela iniciação esportiva ou pelos jogos escolares em si. Torna-se importante adaptar as regras às características da criança e não as crianças se adaptarem às características das regras do adulto.

Por fim, aponta-se a necessidade de novos estudos, fomentando novas pesquisas e trabalhos para maior aproveitamento e aprimoramento da temática, abordando outros elementos das regras e outras características do indivíduo, do ambiente e da tarefa. Sugerem-se, ainda, estudos em outras modalidades esportivas, bem como a realização de estudos descritivos e experimentais.

REFERÊNCIAS

- CALVO, J.L.G.; LÓPEZ, F.J. **Mini-Hand**. Brasil, 2005. Disponível em: http://www.brasilhandebol.com.br/Admin/Anexos/001713_baixa_minihand_manual.pdf. Acesso em: 17 out. 2018.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL (CBHb). **Regras de Jogo**. Aracaju, 2016.
- FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ESPORTES. **Regulamento Geral – XXXIV Jogos Estudantis Municipais**. Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/fundespcampeonatos/jem>. Acesso em: 1 out. 2018.
- GALLAHUE, D.L.; DONNELLY, F.C. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4 ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.; GOODWAY, J.D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- GUIDUCCI, A., DANAILOF, K., ARONI, A.L., Beach tennis: a opinião de professores e atletas sobre a modalidade. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.18, n.01, p.25-32, 2019.
- KUCZMARSKI, R.J.; OGDEN, C.L.; GUO, S.S.; GRUMMER-STRAWN, L.M.; FLEGAL, K.M.; MEI, Z.; WEI, R.; CURTIN, L.R.; ROCHE, A.F.; JOHNSON, C.L. **2000 CDC growth charts for the United States: methods and development**. National Center for Health Statistics, 2002. 189p. (Vital and health statistics. Series 11, Data from the National Health Survey; no. 246) Disponível em: https://www.cdc.gov/nchs/data/series/sr_11/sr11_246.pdf. Acesso em: 10 set. 2018 .
- MALINA, R.M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. **Crescimento, maturação e atividade física**. São Paulo: Phorte, 2009.
- NEWELL, K.M. Constraints on the development of coordination. In: WADE M.G.; WHITING H.T.A. **Motor development in children: aspects of coordination and control**. Amsterdam: Nijhoff Publishers, 1986.
- NEWELL, K.M.; JORDAN, K. Task constraints and movement organization: A common language. In: DAVIS, W.E.; BROADHEAD G.D. **Ecological task analysis and movement**. Champaign: Human Kinetics, 2007.
- REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; SILVA, S.A.D.; GOMES, T.M.R.; PESUTO, C.L.; BACCARELLI, W. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v.11, n.1, p.37-45, jan/jul. 2008.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES. **Regulamento Geral – XV Jogos Estudantis de Carambeí – JECAR 2017**. Carambeí, 2017.
- TAGLIARI, I.A. Children's public in the rio 2016 olympics and the development of the sport. **FIEP Bulletin**, v. 89, n. 1, p. 69-71, 2019.
- TAVEIRA, L.M.; LADEIA, H.A.; BARBOSA, G.L.; SOUZA, P.R.C. de.; ABREU, C.O.; FIDELIS, A.J.M.; PRAÇA, G.M. Alteração da regra de utilização do goleiro-linha ocorrida em janeiro de 2011: implicações técnico-táticas. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.12, n.4, p.33-40, 2013.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748
Ponta Grossa/PR
84030-900